

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

DANIELA GONÇALVES FREITAS

**ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DE CRIANÇAS COM SINDROME
DE DOWN EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NO MUNICÍPIO DE
PARINTINS/AM.**

**Parintins - Am
2021**

DANIELA GONÇALVES FREITAS.

**ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DE CRIANÇAS COM SINDROME
DE DOWN EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NO MUNICÍPIO DE
PARINTINS/AM.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
Pedagogia, pela Universidade do Estado do
Amazonas apresentado como exigência parcial
para obtenção do grau de licenciado em
Pedagogia. Orientadora: profa. Dra. Georgina
Terezinha Brito de Vasconcelos







UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
COLEGIADO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Ata de defesa do Trabalho Final do Curso de Graduação em Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas da acadêmica Daniela Gonçalves Freitas, realizada no dia 22 de julho de 2021.

Aos vinte dois dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte um, realizou-se a via Google Meet, a Defesa do Trabalho Final de Conclusão do Curso – TCC – Monografia, intitulada “**ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NO MUNICÍPIO DE PARINTINS/AM**” da acadêmica: **Daniela Gonçalves Freitas**, como parte final do seu trabalho para obtenção do grau de **LICENCIADA EM PEDAGOGIA**. A Banca Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: **Profª. Dra. Georgina Terezinha Brito de Vasconcelos** (Presidente), **Profª. Msc. Francisca Keila de Freitas Amoedo** (membro) e **Prof. Msc. Ágdo Régis Batista Filho** (membro). A presidente da banca examinadora deu início à sessão e informou sobre o procedimento do exame. A palavra foi facultada à acadêmica para apresentar uma síntese de sua pesquisa e responder as perguntas formuladas pelos membros da Banca Examinadora. Após a apresentação e arguição pelos membros da Banca Examinadora, esta se reuniu e deliberou que a Monografia desenvolvida pela acadêmica em questão foi **APROVADA**”. A Sessão foi encerrada. Eu **Georgina Terezinha Brito de Vasconcelos**, lavrei a presente Ata assinada por mim, pelos membros da Banca Examinadora e pela acadêmica.

Parintins, 22 de julho de 2021.

Média das notas atribuídas ao trabalho escrito	Média das notas atribuídas a apresentação	Média Final
		9.5
Comissão Julgadora		Parecer
 Profª. Dra. Georgina Terezinha Brito de Vasconcelos Presidente		 Daniela Gonçalves Freitas Acadêmica
 Francisca Keila de Freitas Amoedo Membro		
 Prof. Msc. Ágdo Régis Batista Filho Membro		

DEDICATÓRIA

A minha avó Benedita Marlene, meus pais Marco e Dalva, minha irmã Rafaela e a todos da minha família, que me ajudam a construir caminhos e sentido em busca de uma vida feliz.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pelos dons que me deu nesta existência que serviram na realização deste projeto.

Sou grato aos meus pais por sempre me incentivarem e acreditarem que eu seria capaz de superar os obstáculos que a vida me apresentou.

Agradeço à minha orientadora, Georgina Terezinha Brito de Vasconcelos por sempre estar presente para indicar a direção correta que o trabalho deveria tomar.

A todos os meus amigos do curso de graduação que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo.

Também quero agradecer à Universidade do Estado do Amazonas-UEA e o seu corpo docente que demonstrou estar comprometido com a qualidade e excelência do ensino.

O tempo que levamos dizendo que para haver alegria na escola é preciso primeiro mudar radicalmente o mundo é o tempo que perdemos para começar a inventar e a viver a alegria. (Paulo Freire, 1993, p. 10)

RESUMO

Este trabalho resulta de uma pesquisa intitulada Estratégias didáticas para o Ensino de Crianças com Síndrome de Down em uma Escola de Educação Especial, na cidade de Parintins/AM, na qual teve como objetivo investigar as estratégias didáticas utilizadas pelos docentes, no ensino de crianças da Educação Infantil do II Período, com síndrome de Down em uma Escola de Ensino Especial na cidade de Parintins/AM. E como objetivos específicos: mapear as estratégias didáticas na educação infantil para crianças com síndrome de Down em estudos da educação; identificar as dificuldades dos docentes na educação infantil de crianças com síndrome de Down; analisar as estratégias didáticas utilizadas pelos docentes no ensino da criança com síndrome de Down. Os fundamentos teóricos concentram na caracterização da educação especial e nas estratégias de ensino e perspectivas desenvolvidas para atender a educação especial de alunos com síndrome de down segundo autores como: Castro e Pimentel (2009), Silva e Barreto (2012) e Rodrigues (2012) entre outros autores que discutem a temática investigada. O estudo é uma pesquisa qualitativa de abordagem fenomenológica, de natureza exploratória e descritiva. Os instrumentos para a coleta de dados foram a entrevista semiestruturada. Os resultados da pesquisa apontam a importância de se estruturar os Sistemas de Ensino para atender de forma adequada crianças com síndrome de Down, oportunizando a ela desenvolver novas competências e habilidades. Ao fim, este estudo contribui significativamente para evidenciar a necessidade de adequação das estratégias implantadas nas escolas, em virtude de cada criança com deficiência possuir peculiaridades com níveis diferenciados para compreender, pensar, falar, ouvir e viver, e com isso, impossibilitando seguir o mesmo percurso de aprendizagem na escola.

Palavra-chave: Estratégias didáticas; Educação especial; Síndrome de down.

ABSTRACT

This work is the result of a research entitled Didactic Strategies for Teaching Children with Down Syndrome in a Special Education School in the city of Parintins/Am, which aimed to investigate the didactic strategies used by teachers in teaching children in Education Infant of the II Period, with Down syndrome in a Special Education School in the city of Parintins/AM. And as a specific objective: to map didactic strategies in early childhood education for children with Down syndrome in education studies; identify the difficulties of teachers in the early childhood education of children with Down syndrome; analyze the didactic strategies used by teachers in teaching children with Down syndrome. The theoretical foundations focus on the characterization of special education and on the teaching strategies and perspectives developed to meet the special education of students with down syndrome according to authors such as: Castro and Pimentel (2009), Silva and Barreto (2012) and Rodrigues (2012) among other authors who discuss the topic investigated. The study is a qualitative research with a phenomenological approach, exploratory and descriptive in nature. The instruments for data collection were the semi-structured interview. The research results point to the importance of structuring the Teaching Systems to adequately assist children with Down syndrome, providing opportunities for them to develop new skills and abilities. In the end, this study contributes significantly to highlight the need to adapt the strategies implemented in schools, because each child with a disability has peculiarities with different levels to understand, think, speak, listen and live, and therefore, making it impossible to follow the same learning path at school.

Keyword: Didactic strategies, special education, down syndrome.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Concepção sobre estratégias didáticas	37
Quadro 2 - Estratégias utilizadas pelo docente da educação especial	38
Quadro 3 - Dificuldades das crianças com síndrome de Down	39
Quadro 4 - Possibilidade de aprendizagem das crianças com síndrome de Down	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAMD	Associação Americana de Deficiência Mental.
RCNEI	Referencial Curricular para a Educação Infantil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO	15
1. EDUCAÇÃO ESPECIAL – CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS	15
1.1- Síndrome de Down- Características Gerais	17
1.2 - Estratégias Didáticas na Educação Infantil	19
1.3 Estratégias Didáticas na Educação Infantil para Crianças com Síndrome de Down	25
1.4- Desafios e Possibilidades dos Docentes no Ensino de Crianças com Síndrome de Down na Educação Infantil	28
CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO	34
CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	36
3.1 As estratégias didáticas na educação infantil para crianças com síndrome de Down em estudos da educação	36
3.2 As dificuldades dos docentes na educação infantil para trabalhar com crianças com síndrome de Down.	39
3.3 As estratégias didáticas utilizadas pelos docentes no ensino da criança com síndrome de Down	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE	49
ANEXOS	50

INTRODUÇÃO

As crianças com Síndrome de Down apresentam algumas dificuldades no processo de ensino e aprendizagem escolar, devido as características da síndrome que conduz a uma deficiência intelectual. Essas dificuldades podem estar associadas a linguagem, raciocínio lógico e memória, que podem refletir no processo de socialização e autonomia. Dessa forma, a construção do processo educativo desse aluno necessita de estratégias didáticas diferenciadas para que o aprendizado aconteça de modo significativo.

Diante o exposto, o interesse em estudar sobre as estratégias didáticas que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem do aluno com síndrome de Down, deu-se a partir de um convite para colaborar em uma oficina lúdica de uma escola especial, cuja finalidade era o desenvolvimento da aprendizagem da criança com necessidades educativas especiais. Partindo desse propósito, optou-se por desenvolver essa pesquisa com o intuito de identificar as estratégias didáticas que pudessem contribuir para o desenvolvimento pleno das crianças com síndrome de Down.

O objetivo geral da presente pesquisa é de entender as estratégias didáticas utilizadas pelos docentes, no ensino de crianças da Educação Infantil do II Período, com síndrome de Down em uma Escola de Ensino Especial na cidade de Parintins/AM, esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa é um estudo que se apresenta em forma descritiva, com enfoque compreensão e na interpretação à luz dos significados dos próprios sujeitos e de outras referências afins da literatura.

A partir desta perspectiva os procedimentos de abordagem qualitativa é uma metodologia de caráter exploratório, com foco no caráter subjetivo do objeto analisado. Entende-se que a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

Portanto, será utilizado como método de abordagem fenomenológico que compreender as experiências vividas, as experiências subjetivas das pessoas e os significados que elas atribuem as suas vidas e/ ou fatos, recortes retirados como objeto de investiga as estratégias didáticas na educação infantil para crianças com síndrome de Down em estudos da educação? Identificar as dificuldades dos docentes

na educação infantil da criança com síndrome de Down? Analisar as estratégias didáticas utilizadas pelos docentes no ensino das crianças com síndrome de Down.

Por conta da covid-19, a realização da coleta de dados ocorreu de forma virtual pelo Whatsapp. Primeiramente, como pesquisadora realizei uma entrevista em forma de questionário, com uma professora do II Período da Educação Infantil explicado do tema do projeto de TCC, o motivo que fizeram realizar a pesquisa na Escola de Educação Especial “Glauber Viana Gonçalves” da Associação Pestalozzi.

Para melhor compreensão, didaticamente o referido trabalho encontra-se dividido em 03 tópicos:

No primeiro capítulo apresenta-se o Referencial Teórico, onde diálogo com os autores: Petrucci e Batiston (2006), Brasil (2006), Gonzáles (2007), Kozima (2007), Castro e Pimentel (2009), Silva e Barreto (2012), Rodrigues (2012), Kulisz (2006).

No segundo capítulo apresenta-se o percurso metodológico utilizado na pesquisa, que foi baseado em autores, como: Lakatos e Marconi (2003), Goode e Hatt, (1981), Scarparo (2008) e Gaskell, (2002). No terceiro capítulo apresenta-se a análise dos resultados que está subdividido nos seguintes tópicos: (I) as estratégias didáticas na educação infantil para crianças com síndrome de Down em estudos da educação; (II) as dificuldades dos docentes na educação infantil de crianças com síndrome de Down e (III) as estratégias didáticas utilizadas pelos docentes no ensino da criança com síndrome de Down.

A análise dos resultados aponta a importância de se estruturar o Sistema de Ensino para atender de forma adequada a criança com síndrome de Down, oportunizando a ela desenvolver novas competências e habilidades, pois de acordo com o perfil e nível da síndrome cada criança possui uma maneira de compreender, pensar, falar, ouvir e viver, o que inviabiliza acompanhar o caminho padrão de ensino aprendizagem escolar.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

1. EDUCAÇÃO ESPECIAL – CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

A educação especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos, serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem nas turmas comuns do ensino regular.

Compreendendo sempre que o atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas.

Dessa forma, podemos perceber que a Declaração de Salamanca (1994) iguala os direitos de todos os indivíduos no que se refere à educação de qualidade, no qual todas as crianças com necessidades educacionais especiais deveriam ter acesso à escola regular, sendo acomodadas numa pedagogia centrada na criança.

O documento reforça o direito a uma educação de qualidade e que considere as características e os interesses únicos de cada educando, evitando-se assim, discriminações e a exclusão escolar. Nesse sentido, propõe que as escolas se organizem e se capacitem para atender a todos.

São também considerados público-alvo dessas escolas crianças com transtornos globais de desenvolvimento ou com altas habilidades/superdotação de acordo com o **ART. 58 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n.º 9394 de dezembro de 1996**, que diz:

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superlotação.

Assim, os objetivos da educação especial são os mesmos da educação em geral. O que difere, entretanto, é o atendimento, que passa a ser de acordo com as diferenças individuais do aluno. Convém distinguir que os tipos de deficiências podem ser congênitos (nascem com a pessoa) ou adquiridas.

As várias deficiências que podem agrupar-se em cinco conjuntos distintos, sendo eles:

A **deficiência física** que apresenta uma alteração completa ou parcial dos membros superiores (braços) e/ou inferiores (pernas), acarretando o comprometimento da função física. Muitas pessoas fazem confusão: ter deficiência física não significa ter um comprometimento intelectual, é importante que essa distinção seja feita para que o potencial do aluno não, seja subestimado.

A deficiência física se refere ao comprometimento do aparelho locomotor que compreende o sistema Osteoarticular, o Sistema Muscular e o Sistema Nervoso. As doenças ou lesões que afetam quaisquer desses sistemas, isoladamente ou em conjunto, podem produzir grandes limitações físicas de grau e gravidades variáveis, segundo os segmentos corporais afetados e o tipo de lesão ocorrida (BRASIL, 2006, p. 28).

Segundo o autor Vignon (2015) **deficiência auditiva** vem mostrar uma perda parcial ou total da audição. Pode-se trabalhar com os resíduos auditivos nas atividades educacionais por meio do uso de aparelhos auditivos que amplificam o som. O que vem abranger a **deficiência visual** é a cegueira até a visão subnormal (ou baixa visão), que é uma diminuição significativa da capacidade de enxergar com redução importante do campo visual e da sensibilidade aos contrastes e limitação de outras capacidades.

Para compreender a **deficiência múltipla** que é a associação, no mesmo indivíduo, de duas ou mais deficiências primárias (intelectual/ visual/ auditiva/ física), com comprometimentos que acarretam consequências no desenvolvimento global e na capacidade adaptativa. As pessoas com deficiência múltipla apresentam comprometimento que causam atrasos no desenvolvimento, na aprendizagem e na capacidade administrativa.

A **deficiência intelectual** é um funcionamento intelectual significativamente abaixo da média, coexistindo com limitações relativas a duas ou mais das seguintes áreas de habilidades adaptativas: comunicação, autocuidado, habilidades sociais, participação familiar e comunitária (VIGNON, 2015).

Esse tipo de deficiência caracteriza-se por registrar um funcionamento intelectual geral, significativamente abaixo da média, oriundo do período de desenvolvimento, concomitante com limitações associadas a duas ou mais áreas da conduta adaptativa ou da capacidade do indivíduo em responder adequadamente às demandas da sociedade, nos seguintes aspectos: comunicação, cuidados pessoais, habilidades sociais, desempenho na família e comunidade, independência na locomoção, saúde e segurança, desempenho escolar, lazer e trabalho.

(Adotada pelo Brasil em 1992- AAMD- Associação Americana de Deficiência Mental).

A postura nas instituições de Educação Infantil em relação à criança com Síndrome de Down passou por várias alterações ao longo dos anos. Primeiramente, a criança que era vista como alguém incapaz de aprender, em seguida, passou a ser introduzida nas escolas, inicialmente nas escolas especiais e, no final dos anos 1970, integradas a escolas regulares, às vezes combinadas a classes especiais. Segundo Gonzáles (2007, p.96):

A inclusão da criança com síndrome de Down na escola infantil em idades precoces oferece às crianças a possibilidade de um ambiente normalizado desde as primeiras etapas de sua vida, no qual é uma criança a mais, que está em contato com outra criança. Aqui as interações sociais entre as próprias crianças e os adultos são ricas e variadas; em grupo as crianças aprendem melhor nas normas de convivência, se comunicam melhor entre elas, participam de propostas educacionais programadas, e, em geral, o ambiente é estimulante.

Assim, quanto se iniciar o trabalho com a criança com Síndrome de Down maior e mais eficaz será o seu desenvolvimento proporcionando uma maior autonomia. A participação de todos os envolvidos na vida da criança é fundamental para que este desenvolvimento ocorra de uma forma satisfatória.

1.1- Síndrome de Down- Características Gerais.

A Síndrome de Down é assim chamada em homenagem a um médico inglês chamado John Langdon Down que a pesquisou. A síndrome já havia sido descrita por Jean Esquirol em 1838, porém foi Down que em 1866 a descreveu como uma manifestação clínica, apontando algumas características dos portadores dela.

Para a autora Ferrarini (2016) o termo “síndrome” refere-se a um conjunto de sinais e sintomas e “Down” designa o sobrenome do médico e pesquisador que primeiro descreveu a associação dos sinais característicos da pessoa com síndrome de Down. Os primeiros trabalhos científicos a respeito da síndrome de Down tiveram início a partir do século XIX, quando, em 1866, John Langdon Down verificou que existiam diversas semelhanças fisionômicas nítidas entre certas crianças com atraso mental, tais como cabelos lisos e escassos, rosto achatado e largo, olhos posicionados em linha oblíqua, nariz pequeno e com uma capacidade de limitação considerável, mãos ásperas entre outros.

De acordo com Kozima (2007), Langdon denominou estas características de mongolismo e, com o passar do tempo, este termo foi substituído por Síndrome de Down, pois mongolismo demonstrava uma conotação pejorativa e assim caiu em desuso na sociedade.

Para os autores Castro e Pimentel (2009, p.304) tratam acerca das características genéticas e analisam a capacidade de cada criança dizendo:

As crianças com síndrome de Down apesar de possuírem alterações fenotípicas semelhantes como: aparência arredondada da cabeça, pálpebras estreitas e levemente oblíquas, boca pequena podendo-se projetar um pouco a língua, única prega palmar, pescoço curto, mãos e pés pequenos e grossos etc.; diferem entre si em aspectos gerais de desenvolvimento como: linguagem, motricidade, socialização e habilidades de vida diária.

Desse modo, apesar das semelhanças, é possível observar diferenças evidentes de criança para outra criança e estas que podem ocorrer por fatores internos ou externos modificando de forma positiva, ou negativa o desenvolvimento da criança.

Na síndrome de Down, o número de cromossomos presentes nas células é diferente do convencional. A alteração genética, presente na pessoa com síndrome de Down, consiste na presença de um cromossomo extra no par 21, sendo assim, receberá 47 cromossomos. Estudos mostram que apenas um pequeno segmento do cromossomo 21 apresenta a região crítica que produz a síndrome de Down.

Em explicação ao nascimento da criança com Síndrome de Down Silva e Barreto (2012 p.152) afirma que:

O diagnóstico na sua maioria é feito com base nos resultados da análise cromossômica (cariótipo) realizada na amniocentese ou logo depois do nascimento da criança. Constata-se ainda, que a incidência da Síndrome de Down está relacionada com a idade materna, ou seja, quanto maior idade biológica tiver a mulher, mais propensa ela estará a gerar uma criança com Síndrome de Down. Isso se explica pelo fato de que as mulheres já nascem com todos os óvulos nos ovários e estes vão envelhecendo com ela, assim, quanto mais idade a mulher tem, mais velhos são os óvulos e maiores são as probabilidades de alteração genética e cromossômicas.

A síndrome de Down apresenta características fenotípicas que incluem deficiência mental, severos problemas periodontais e malformações cardíacas. Aproximadamente 40% dos indivíduos com síndrome de Down possuem defeitos nas válvulas interventriculares.

Ressaltando que a pessoa com síndrome de Down possui dificuldades de adaptação social: atraso no desenvolvimento mental (de leve a moderado) e motor: e crescimento físico lento, cessando numa idade mais precoce. A dificuldade de adaptação social rápida a novas situações e ambientes, causa, dificuldades no aprendizado e lentidão na realização de novas propostas.

É possível verificar que os aspectos genéticos e a caracterização da síndrome de Down, estão em constantes mudanças e esta tem sido estudada e debatida por diversos autores, que auxiliam e modificam a concepção da síndrome de Down, ampliando o campo de conhecimento para o estudo e o entendimento da criança com síndrome de Down.

A entrada da criança com síndrome de Down na educação infantil costuma trazer resultados muito positivos, sobretudo se as escolas estão preparadas para promover a inclusão.

1.2 - Estratégias Didáticas na Educação Infantil

A Educação Infantil é considerada uma das mais importantes etapas da formação das crianças, pois é onde elas começam a existir fora do convívio familiar, o que envolve lidar com diferenças, o desenvolvimento da personalidade e da autonomia, a criação de laços de amizade e as descobertas em diferentes áreas do conhecimento.

Ressaltando que é como uma base para as demais etapas da educação formal, e o correto aproveitamento desta etapa permite que os pequenos cresçam com mais autonomia e tenham mais sucesso em sua vida escolar e individual.

A proposta pedagógica da educação infantil prevê a realização de jogos, brincadeiras e atividades prazerosas que além de ensinar, divertem, tornando o processo de construção do conhecimento muito mais assertivo e divertido. Segundo Ortiz (2007, p. 11) o profissional de Educação Infantil:

É aquele que sabe mediar as experiências da criança pequena de modo a contribuir positivamente para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Ele auxilia a criança a utilizar suas diferentes linguagens para aprender sobre si mesma e sobre o mundo que a cerca, assim como simbolizar sua experiência e expressar o que sente sobre elas.

E na educação infantil é trabalhando a psicomotricidade que serve como ferramenta para vários aspectos voltados para a criança no seu mundo interno e externo, incluindo seus sentimentos, atitudes, tanto no modo de pensar como de se expressar, na interação com os demais, contribuindo para seu crescimento pessoal e a construção da sua autonomia.

A psicomotricidade pode ser desenvolvida através das estratégias didáticas que é definida como arte de aplicar ou explorar os meios e condições favoráveis e disponíveis, visando atingir objetivos específicos. O trabalho docente não trata apenas de um conteúdo de pessoas na construção de saberes. Para os autores Petrucci e Batiston (2006, p.263):

[...] a palavra 'estratégia' possui estreita ligação com o ensino. Ensinar requer arte por parte do docente, que precisa envolver o aluno e fazer com que ele se encante com o saber. O professor precisa promover a curiosidade, a segurança e a criatividade para que o principal objetivo educacional, a aprendizagem do aluno, seja alcançada.

Para que seja realizado, o docente precisa fazer um planejamento que visa determinar de maneira antecipada quais são os objetivos e como se deve fazer para alcançá-los. Começa com a determinação dos objetivos e detalha as formas necessárias para atingi-los da melhor maneira possível. Por isso, Rodrigues (2012) descreve que:

É importante considerar que o planejamento educacional ou planejamento pedagógico é um instrumento orientador de todo o processo educativo, pois constitui e determina as grandes necessidades, indica as prioridades básicas, ordena e determina todos os recursos e meios necessários para atingir as grandes finalidades da educação.

O papel do professor, portanto é o de planejar, selecionar e organizar os conteúdos, programar tarefas, criar condições de estudo dentro da classe, incentivar os alunos para o estudo. Ou seja, o professor media as atividades de aprendizagem dos alunos a fim de que estes se tornem sujeitos ativos da própria aprendizagem.

Assim, a escolha das estratégias deve levar em consideração o conhecimento do aluno, o seu modo de ser, de agir, de estar, além da sua dinâmica pessoal. Até porque todo conteúdo possui na sua lógica interna uma forma que lhe é própria e que precisa ser captada e apropriada para a sua efetiva compreensão. E para essa forma

de assimilação, que obedece a lógica interna do conteúdo, utilizam-se os processos mentais ou as operações do pensamento.

Dessa maneira, o professor estará colaborando para a construção da autonomia dos alunos, seja de pensamento, seja de ação, ampliando a participação social e dinamizando o desenvolvimento mental deles, de forma a capacitá-los a exercer o papel de cidadão do mundo.

Aperfeiçoado sempre a ação pedagógica, que se deve compreender o ato de brincar como estratégia didática permanente da prática educativa e oferecer aos alunos um ambiente com espaços e materiais organizados que propiciem desafios e diferentes manifestações infantis, potencializando assim a sua expressão por meio de diferentes linguagens, movimentos, imaginação, criatividade, emoções, socialização, autonomia, conhecimento de mundo, pensamentos e sentimentos. “O lúdico é um recurso de inestimável valor pedagógico. [...] o brincar é uma atividade de aprendizagem” (KULISZ, 2006: p. 96-97).

Conforme a citação acima, o lúdico facilita a aprendizagem, ou seja, é possível aprender brincando. Ao brincar a criança aprende a aprender e adquire habilidades fundamentais para o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. Segundo Horn (2007: p.14):

“o brincar não encontra espaço na escola”. Muitos professores dirigem os momentos lúdicos a fim de alcançarem determinados objetivos. Desse modo, não permitem às crianças explorarem e criarem a sua própria maneira de brincar. Assim, as crianças acabam brincando, não pelo prazer e a alegria que o ato lúdico lhes dá, mas para alcançar e cumprir os objetivos e as regras estabelecidas pelo professor.

As atividades lúdicas não estão ligadas simplesmente ao prazer. A imaginação e as regras são características definidas das brincadeiras. Erra a escola ao subdividir a sua ação, dividindo o mundo em lados opostos: de um lado o mundo da brincadeira, do sonho, da fantasia e do outro, o mundo sério, do trabalho e do estudo.

Uma das características fundamentais do ato de brincar é a espontaneidade, porém, esse ato muitas vezes é conduzido pelo professor, com fins didáticos específicos, e esta característica acaba ficando de lado.

Em grande parte das escolas de Educação Infantil, brincadeiras e aprendizagem são consideradas ações que não podem habitar o mesmo espaço e tempo, ou se brinca e aprende. Na melhor das hipóteses, o professor criar

oportunidades para que a brincadeira aconteça, sem atrapalhar as aulas. São os recreios, os momentos livres ou as horas de descanso.

Parece existir uma barreira entre o aprender e o brincar, pois, o ato lúdico é relegado a segundo plano, dando-lhe o espaço de momento não produtivo, ou como recompensa pela tarefa cumprida. Também fica evidente que muitos professores não participam das brincadeiras juntamente com as crianças, ou seja, eles permitem o momento lúdico, porém não participam e não interagem com elas.

Alguns professores da Educação Infantil estão preocupados com os repasses dos conteúdos pedagógicos e esquecem que o brincar necessita de um espaço e na sua prática, pois é evidente que a brincadeira é essencial para o desenvolvimento da criança.

Muitos educadores até entendem teoricamente a importância das brincadeiras, porém não realizam essas atividades, na prática, devido à cobrança tanto por parte da escola como dos pais, pelo desenvolvimento da área cognitiva da criança. Segundo Horn (2007: p.58) [...] muitos professores têm a ideia de que permitindo o brincar livres às crianças causarão bagunça, desordem e indisciplina em sala de aula.

O fato que é todo o momento, os professores estarem dirigindo atividades é fator determinante. Quando os alunos se deparam com a liberdade de poder brincar sem compromisso, isto é, quando têm a possibilidade de brincar por brincar, aproveitando o prazer proporcionado pelo ato de brincar, ficam sem rumo. O direcionamento ao qual são submetidas e as aulas rotineiras e mecânicas durante todo o período escolar, influi neste comportamento.

Na realidade os profissionais do ensino infantil têm dúvidas referentes á quando devem permitir que as crianças brinquem sozinhas, de forma espontânea, sem gerar indisciplina, e se conseguem ensinar algum conteúdo por meio das brincadeiras. É importante que o professor vivencie experiências lúdicas e não fique preso à teoria. De acordo com Horn (2007: b. 60), “A proposta pedagógica da escola deve ter como objetivo central do seu trabalho, ensinar e aprender através da ludicidade”.

O educador deve inserir essa atitude lúdica na sua prática pedagógica. Seria necessário que educadores e escolas resistissem a qualquer pressão, como listagem de conteúdo a serem vencidos, a cobrança dos pais quanto à quantidade de produção escrita, entre outras, transformando a sala de aula num espaço de maior criatividade, liberdade e ludicidade, no qual a criança pudesse desenvolver sua autonomia, tornando-se agente do seu próprio caminhar durante o brincar.

O brincar não deve estar presente na rotina infantil somente na hora do intervalo escolar, mas precisa ser uma atitude cotidiana no trabalho do professor, que pode organizar a sua sala de aula de forma lúdica. Para entender melhor a importância do lúdico em sala de aula, o professor precisa vivenciar o universo infantil e trazer o “brincar” para a vida dele.

Se conseguir entender isso, utilizará as brincadeiras para conhecer melhor os seus alunos: observar como eles, de uma forma espontânea, posicionam-se perante as dinâmicas apresentadas; que brinquedos escolhem; de que forma criam as cenas das brincadeiras etc. Assim, terá mais elementos para conhecer as crianças com as quais convive, e observará aquilo de que elas precisam, pelo que se interessam, que materiais e atividades podem promover para potencializar diferentes habilidades.

Esse trabalho requer muita observação e flexibilidade por parte do professor, que precisará sair do currículo escolar fixo e trabalhar conforme as necessidades concretas dos alunos. (RCNEI 1998, p. 28) “É o adulto, na figura do professor, portanto, que na instituição infantil, ajudar a estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças”

Privar a criança da Educação Infantil de brincar significa conter a sua energia, não aproveitar suas capacidades e substituir a aprendizagem significativa pelo condicionamento. Dessa forma, é necessário que o educador valorize o ato de brincar em qualquer atividade programada dentro da escola.

Se o professor busca a formação de indivíduos dinâmicos, criativos, reflexivos e capazes de enfrentar desafios, deve proporcionar condições para que as crianças brinquem de forma espontânea, oportunizando a ela momentos de prazer e alegria no ambiente escolar, tornando-se autora das suas criações e não mera copiadora. Segundo Santos (2004, p.114) “A criança que é estimulada a brincar com liberdade terá grandes possibilidades de se transformar num adulto criativo”.

Desafiar as crianças a criar situações novas nas brincadeiras, incentivá-la a explorar todos os espaços de forma lúdica a ajudará a abrir caminhos para a criatividade, para a fantasia e a aventura.

Tanto o ato de brincar como o ato criativo estão centradas na busca constante para descobrir algo novo. É no brincar que se pode ser criativo. Brincando ou sendo criativo, o indivíduo descobre quem realmente é. As condições favoráveis ao ato de brincar assemelham-se as condições do ato de criar.

Para ambos é necessário ter a coragem de errar e lançar-se numa atividade de forma descompromissada, onde é necessário ter iniciativa e autonomia de pensamento. Daí a importância de o professor repensar, estabelece sempre as oficinas pedagógicas que trabalham a confecção de material didático e a utilização de sucatas que ilustram essa perspectiva.

A prática educativa é bastante complexa e são inúmeras as questões que se apresentam no cotidiano e que transcendem o planejamento didático e a própria proposta curricular. Na perspectiva de explicar algumas indicações sobre o enfoque didático e apoiar o trabalho do educador, as orientações didáticas situam-se no espaço entre as intenções educativas e a prática.

As orientações didáticas são subsídios que remetem ao “como fazer”, à intervenção direta do educador na promoção de atividades e cuidados alinhados com uma concepção de criança e de educação. Vale lembrar que essas orientações não representam um modelo fechado que define um padrão único de intervenção. Pelo contrário, são indicações e sugestões para subsidiar a reflexão e a prática do educador.

Muito utilizadas e valorizadas, tem por objetivo auxiliar os alunos no desempenho das suas atividades na sala de aula e podem ser desenvolvidas sob a forma de cursos, ministrados, voltados para a confecção de recursos didáticos.

Todos nós sabemos que o processo educativo é mais amplo, complexo e inclui situações específicas de treino, mas não pode ser reduzido a este. Parece-nos que, em um certo nível, é possível falar em domínio de determinadas técnicas, instrumentos e recursos para o desenvolvimento de determinadas habilidades em situação.

As medidas desse nível são realizadas pelo professor e destinam-se, principalmente, à programação das atividades da sala de aula. Focalizam a organização e os procedimentos das estratégias didáticas na Educação Especial Infantil e destacam o como fazer, a organização temporal dos componentes e dos conteúdos curriculares e a coordenação das atividades docentes, de modo que favoreça a efetiva participação e integração do aluno, bem como a sua aprendizagem.

1.3 Estratégias Didáticas na Educação Infantil para Crianças com Síndrome de Down

Muitas crianças com Síndrome de Down apresentam algumas dificuldades na aprendizagem escolar e isso acontece, principalmente, por causa da Deficiência Intelectual que é uma característica da síndrome. Pessoas com deficiência intelectual apresentam algumas dificuldades na memorização, raciocínio lógico, linguagem, motricidade, socialização e autonomia. Por isso, necessitam de atenção e apoio diferenciado no processo de aprendizagem.

O suporte oferecido para as crianças com síndrome de Down deve ser pensado de forma individualizada, ou seja, de acordo com o perfil de potencialidades e dificuldades cognitivas e comportamentais de cada criança. Tendo em vista o perfil da Síndrome de Down, a autora (Down Syndrome Vitoria, 2009), as estratégias didáticas e atividades a serem trabalhadas com o conteúdo escolar:

Graves déficits de linguagem são comuns na SD o que dificulta a aprendizagem da leitura através do método fônico que trabalha a associação som letra. Por outro lado, as crianças com Down apresentam uma boa capacidade de memória visual e, por isso, elas se beneficiam de estratégias de alfabetização que trabalham com o reconhecimento da “palavra-inteira”, como é o caso do método global. Por isso, inicialmente trabalhe o ensino de palavras-chaves. A manipulação/associação das letras e sons.

Trabalhar com as diferenças na escola é o nosso grande desafio. Requer uma capacitação teórico-prática e, principalmente, um olhar diferenciado sobre a criança para que seja possível contornar as suas dificuldades e potencializar o que ela tem de melhor. Para Basto:

O portador da Síndrome de Down é capaz de compreender suas limitações e conviver com as suas dificuldades, “73% deles tem autonomia para tomar iniciativas, não precisando que os pais digam a todo momento o que deve ser feito”. Isso demonstra a necessidade/possibilidade desses indivíduos de participar e interferir com certa autonomia num mundo onde “normais” e deficientes são semelhantes em suas inúmeras diferenças.

Como a criança com Síndrome de Down apresenta os seus níveis de desenvolvimento mais lento, quando comparados às crianças “normais”, cabe aos pais e educadores dessas crianças a função de estimulá-los por meio de atividades lúdicas, visando prepará-los para a aprendizagem de habilidades mais complexas.

Dessa forma, as crianças com síndrome de Down são capazes de atuar em níveis muito mais elevados do que se acreditava anteriormente. Dentro dos limites impostos por sua condição genética básica, há uma gama de variantes intelectuais e físicas. Uns têm comprometimento maior do que outros, mas mesmo os de Q.I. mais deficitário surpreendem (SANTIAGO *et al.*, 1997, s.p.).

A educação da criança com Síndrome de Down deve começar a partir do nascimento, com uma estimulação capaz de integrá-la progressivamente ao meio ambiente e à vida social. Algumas experiências têm demonstrado que o progresso dos alunos que foram estimulados desde bebês é mais acelerado do que os que receberam tardiamente.

As crianças com Síndrome de Down têm idade cronológica diferente de idade funcional, desta forma, não devemos esperar uma resposta idêntica à resposta da “normais”, que não apresentam alterações de aprendizagem. A aprendizagem depende da complexa integração dos processos neurológicos e da harmoniosa evolução de funções específicas como linguagem, percepção, esquema corporal, orientação têmpora-espacial e lateralidade.

É comum observarmos na criança Down, alterações severas de internacionalizações de conceitos de tempo e espaço, que dificultarão muitas aquisições e refletirão especialmente em memória e planificação, além de dificultarem muito a aquisição de linguagem.

Crianças especiais como a síndrome de Down, não desenvolvem estratégias espontâneas e este é um fato que deve ser considerado no seu processo de aquisição de aprendizagem, já que esta terá muitas dificuldades em resolver problemas e encontrar soluções sozinhas.

Outras deficiências que acometem a criança Down e implicam dificuldades ao desenvolvimento da aprendizagem são: alterações auditivas e visuais; incapacidade de organizar atos cognitivos e condutas, debilidades de associar e programar sequências.

Estas dificuldades ocorrem principalmente porque a imaturidade nervosa e não mielinização das fibras pode dificultar funções mentais como: habilidade para usar conceitos abstratos, memória, percepção geral, habilidades que incluam imaginação, relações espaciais, esquema corporal, habilidade no raciocínio, estocarem do material aprendido e transferência na aprendizagem. As deficiências e debilidades destas funções dificultam principalmente as atividades escolares. Para Mantoan (1988),

a verdadeira transformação da escola dá-se, de tal modo que o aluno tenha a oportunidade de aprender, mas na condição de que sejam respeitados as suas peculiaridades, necessidades e interesses, a sua autonomia intelectual, o seu ritmo e as suas condições de assimilação aos conteúdos curriculares.

No entanto, as crianças com Síndrome de Down têm possibilidades de se desenvolver e executar atividades diárias e até mesmo adquirir formação profissional e no enfoque evolutivo, a linguagem e as atividades como leitura e escrita podem ser desenvolvidas a partir das experiências da própria criança.

Do ponto de vista motor, hipocinesias associada à falta de iniciativa e espontaneidade ou hipercinesias e desinibição são frequentes. E estes padrões débeis também interferem a aprendizagem, pois o desenvolvimento psicomotor é à base da aprendizagem.

As inúmeras alterações do sistema nervoso repercutem em alterações do desenvolvimento global e da aprendizagem. Não há um padrão estereotipado previsível nas crianças com Síndrome de Down e o desenvolvimento da inteligência não depende exclusivamente da alteração cromossômica, mas é também influenciada por estímulos provenientes do meio.

No entanto, o desenvolvimento da inteligência é deficiente e normalmente encontramos um atraso global. As disfunções cognitivas observadas neste paciente não são homogêneas e a memória sequencial auditiva e visual geralmente são severamente acometidas. O trabalho do educador pode ser mais significativo e eficiente quando ele conhece o funcionamento cerebral, ressaltam Cosenza e Guerra (2011, p.143),

Conhecer a organização e as funções do cérebro, os períodos receptivos, os mecanismos da linguagem, da atenção e da memória, as relações entre cognição, emoção, motivação e desempenho, as dificuldades de aprendizagem e as intervenções a elas relacionadas contribui para o cotidiano do educador na escola, junto ao aprendiz e à sua família.

A aprendizagem tem sempre que partir do concreto, pois a criança com síndrome de Down tem dificuldade de abstração. Na alfabetização e no ensino da matemática, por exemplo, símbolos podem ser aprendidos com certa facilidade, embora seja difícil associá-los a conceitos e a quantidades.

O processo de abstração é lento e difícil, mas possível. O aprendizado não pode ser isolado. Tem que acompanhar a vida prática tem que ser inserido num contexto real, em que o Down possa perceber o seu significado concreto, na vida real.

Atualmente há uma discussão em torno dos métodos tradicionais de alfabetização e da teoria construtivista. Para entender tal discussão, é necessário examinares os pressupostos teóricos que estão embasados nestas práticas pedagógicas tradicionais de alfabetização e na teoria construtivista.

Quando observamos os objetivos da educação especial e inclusiva observamos que juntas, elas oferecem o melhor dos mundos. As escolas precisam estar preparadas para receber a todos os alunos e precisam contar com profissionais qualificados e uma infraestrutura adaptada. Esses são os principais desafios da educação especial.

1.4- Desafios e Possibilidades dos Docentes no Ensino de Crianças com Síndrome de Down na Educação Infantil

Os desafios enfrentados pelo docente é quando faz a produção de todos os trabalhos de início que serão difíceis e complexas, embora as dificuldades de memória e coordenação motora fina serão um trabalho extra para o docente, a fala e linguagem, organização e sequência também, mais o docente não desanima, pois, saber que será difícil no começo.

No começo o docente tem que manter muita calma, pois os desenvolvimentos dessas habilidades na Síndrome de Down levam tempo e treino, mas com o trabalho e a estratégia correta, irá correr tudo bem. Maria Teresa Mantoan (2011, p. 79-94), afirma em "Caminhos pedagógicos da educação especial" que:

A educação especial não prevê a utilização de práticas de ensino escolar específicas para esta ou aquela deficiência e/ou dificuldade de aprender. Os alunos aprendem nos seus limites e se o ensino for, de fato, de boa qualidade, o professor levará em conta esses limites e explorará convenientemente as possibilidades de cada um.

Durante muito tempo aprendemos que era preciso identificar o que as crianças não sabiam e quais eram as limitações. Quando conhecemos as características de determinadas deficiências reconhecemos as suas restrições. Sabemos, por exemplo, que a criança com deficiência visual não acessará as aulas pela visão, pois a sua condição restritiva é sensorial.

Muitas vezes, identificar as limitações podem ter um efeito paralisante. Por outro lado, se identificamos as competências, encontramos alternativas de ensino e favoráveis à participação, condições nas aulas e à aprendizagem. Desse modo, mudar em educação implica considerar a vontade de os profissionais envolvidos repensarem os fundamentos que sustentam as suas práticas e, conseqüentemente, mudarem a si mesmos.

Se o professor souber observar e intervir a partir da lógica da atividade lúdica infantil, descobrirá explorações possíveis, para se obter melhor aproveitamento do brinquedo como mediador das brincadeiras e dos trabalhos mais escolares, que podem se utilizar dos mesmos materiais.

Para o autor Kishimoto (2000, p.138) junto de Piaget e Vygotsky, referem-se à relevância do jogo como:

promotor de aprendizagens, sejam elas de conteúdos sistemáticos ou não pela escola. Mas, certamente, esses conteúdos originam-se nas interações entre as crianças em situação de jogo e permitem sua compreensão a medida que novos conteúdos vão sendo incorporados as estruturas anteriores, modificando-as.

O currículo deve corresponder a concepção que o educador tem sobre o educando, as suas características e necessidades. Assim, uma organização curricular para deficientes mentais deve considerar, como propõe Mantoan (1989), que:

limites estruturais de natureza orgânica, traduzidas por déficits motores e sensoriais, favorecem trocas igualmente deficitárias do sujeito com o meio, trazendo, como consequência, prejuízos ao funcionamento intelectual e, portanto, deficiências na forma de agir sobre o mundo, representá-lo em pensamento e sistematiza-lo, do ponto de vista lógico.

Estes aspectos nos remetem ainda as considerações sobre o papel do professor como artífice de um currículo que privilegie as condições facilitadoras de aprendizagens que o jogo contém nos seus diversos domínios afetivos, social, perceptivo-motor e cognitivo, retirando-o da “clandestinidade”, da subversão, explicitando-o corajosamente como meta da escola e não como pertencente ao seu currículo oculto.

Cabe ressaltar, que os professores alfabetizadores precisaram saber esses conhecimentos para acompanhar o desenvolvimento das crianças, no entanto, com as crianças com Síndrome de Down, o processo de alfabetização não deve ser visto

sob ideias da escola regular, pois elas necessitam de um apoio pedagógico e metodológico que se adequem de acordo com os seus avanços na aprendizagem.

Por isso, que o ato de ensinar a ler e escrever para a criança com Síndrome de Down é um processo constante e que deverá ser acompanhado ano após ano pelos professores e tem como principal objetivo contribuir para a socialização e a inserção ao meio em que vive, através de dinâmicas de grupo, nas quais se estimule a cooperação, a interação da criança com os seus colegas e a aceitação social da criança por eles.

No caso da prática com estas crianças, podemos agregar mais algumas dificuldades representadas pelas concepções preconceituosas vigentes que preconizam a diferença, as impossibilidades, a deficiência e as limitações. Desse modo, a prática pedagógica com deficientes mentais, embora reconheça a existência das características acima, não se tem modificado na direção de supri-las ou de atenuá-las como seria seu papel e continua reforçando esses aspectos, quando se mantém continuamente selecionando atividades rotineiras e repetitivas.

Mesmo admitindo os direitos da pessoa portadora de deficiência, principalmente nos casos mais leves, mesmo considerando o apelo atual do discurso da cidadania, as posturas adotadas pelos profissionais não têm sido suficientes fortes para realizar mudanças curriculares compatíveis.

O educador deve propor-se a utilizar um plano de curso que subsidiará o professor na elaboração do seu planejamento em nível de turma, o que só pode ser feito com base no conhecimento da realidade concreta dos seus alunos e dos meios de que dispõe. Para Silva (2002, s.p.) as unidades propostas estejam dentro de uma sequência evolutiva, os objetivos integrados de cada unidade, assim como as atividades sugeridas, não estão dispostos em sequência cronológica.

Cada atividade sugerida leva à consecução de vários objetivos dos domínios afetivos, cognitivos e psicomotor. Uma proposta curricular não pode especificar todos os possíveis resultados de cada atividade sugerida. Cabe ao educador explorar, no trabalho com o aluno, as possibilidades máximas de cada experiências de aprendizagem.

Para a execução do objetivo proposto poderá ser desenvolvido um número ilimitado de atividades. Foram propostas apenas algumas, que devem sugerir ao professor várias outras possibilidades. Em última análise, a sensibilidade e a experiências do educador deverão orientá-lo na determinação da estratégia a ser

adotada. Cabe a ele adequar as propostas deste documento à realidade da sua sala de aula, de forma a proporcionar ao aluno, experiências de aprendizagem significativa que lhe oportunize a prática dos comportamentos implicados nos objetivos.

A proposta curricular deve ser desenvolvida em quatro etapas que se desdobram em objetivos integradores. A primeira etapa trata como objetivo principal o corpo, na segunda visamos trabalhar “como me expresso”, na terceira “as minhas coisas” e na quarta “o meu mundo”.

Para a implementação desta proposta curricular, visando a eficiência do trabalho que levará a conquista dos objetivos perseguidos, torna-se necessário que os recursos estejam disponíveis e o educador seja capacitado. Além disso, o ambiente deve ser capacitado a instalar uma classe especial.

Os fins da educação nacional, expressos no art. 1º da Lei nº. 4.024/61, refletem os ideais de liberdade, solidariedade e valorização do homem, que devem orientar toda educação no País. Mantendo estes princípios, a Lei nº. 5.692/71, no seu art. 1º., estabelece o objetivo geral do ensino. (SILVA, 2002, s.p.).

De forma geral, o objetivo consiste em proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento das suas potencialidades e como elemento de autor realização, na qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania.

O desenvolvimento, ampliação e especialização das possibilidades psicomotoras da criança Down permitem que esta realize atividades didáticas simples e assim se inicia o processo de alfabetização, onde a criança não só está criando, formando conceitos e categorias conceituais para perceber a realidade e ordenar o mundo que a rodeia.

Para Silva (2002) Nesta fase a participação da criança é ativa e é fundamental que a escola a desenvolva o máximo, em todas as áreas, as potencialidades do conhecimento, as habilidades atuais e futuras de aprendizagem do aluno com Síndrome de Down.

O trabalho com a criança deve se centrar no contato e interação com o outro e as eventuais complementações das atividades pedagógicas desenvolvidas devem ser informais, através do jogo espontâneo, da relação com o colega e com o material adequado. Assim de forma agradável e prazerosa a criança vai desenvolvendo

atividades físicas, emocionais e cognitivas que possibilitam a elaboração do pensamento.

Para Schwartzan (1999, p.241) nesta fase, a manutenção da fluidez e flexibilidade neuropsicológica é fundamental para se evitar rigidez precoce, que acarreta a redução da utilização de estratégias no âmbito da aprendizagem. As escolas devem concentrar esforços para desenvolver as potencialidades e capacidades do aluno, levando em consideração os objetivos e estratégias que lhe poderão ser mais úteis, não importa o tipo da escola comum ou especial.

O fator mais importante é que o professor crie em salas de aula condições que lhe permitam um melhor convívio grupal e para isto pode trabalhar as dinâmicas de grupos cooperativos. Inicialmente é muito importante que a escola conheça cada dificuldade e habilidade de cada criança com intuito de promover as suas necessidades básicas para aprendizagem e desenvolvimento.

Procura-se identificar na criança os rendimentos, atitudes, motivação, interesse, relações pessoais, forma de assumir tarefas e enfrentar situações. A partir dos resultados desta observação são planejadas as adaptações direcionadas ao apoio pedagógico favorecendo as aquisições através de intervenções planejadas e organizadas em prol de um objetivo primordial que deve ser a organização dos elementos pessoais e materiais que possibilitarão novas aprendizagens.

Para Oliveira (1997, p.62):

O processo de ensino-aprendizado na escola deve ser construído então, tomando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real da criança, num dado momento e com relação a um determinado conteúdo a ser desenvolvido, e como ponto de chegada os objetivos estabelecidos pela escola, supostamente adequados a faixa etária e ao nível de conhecimento e habilidades de cada grupo de crianças.

O trabalho pedagógico com estas crianças são um processo complexo e resulta numa dinâmica evolutiva baseada nas capacidades do indivíduo. Com relação à alfabetização, não um método voltado especificamente para as crianças com Síndrome de Down e cada criança requer uma forma de intervenção específica, a qual se adequa.

Não só na alfabetização, mas também na segunda série o atendimento deve atender as características específicas de cada aluno, propiciar o desenvolvimento do seu equilíbrio emocional, da sua autoconfiança, da sua capacidade de criação e expressão, de condições essenciais à sua integração harmoniosa na sociedade.

Deverão, também, prepará-lo para a alfabetização, que se iniciará posteriormente quando a criança for capaz de descrever objetos e ações; discriminar sons; identificar semelhanças e diferenças entre sons iniciais e finais de palavras; identificar símbolos gráficos; articular fonema corretamente; estabelecer relações simples entre objetos; combinar elementos concretos para a formatação de conjuntos.

Organizar, perceptivamente, sequências da esquerda para a direita; utilizar conceitos nas áreas de relações tempero-espaciais; participar de atividades lúdicas; seguir e dar instruções simples; estabelecer relações, símbolos e significados; participar de conversas; organizar ideias em sequência lógica; demonstrar controle muscular; reconstruir ações passadas e prever ações futuras; demonstrar criatividade e estabelecer pensamento crítico.

E muito difícil para estas crianças desenvolverem habilidades de leitura e escrita, no entanto, este processo será mais facilitado se for permitida a criança vivenciar, interagir e experimentar.

Ressaltando-se que os docentes enfrentam os desafios no início das aulas, as dificuldades de memória e coordenação motora fina que será um trabalho para executar para criança com síndrome de Down, a fala e linguagem, organização e sequência também, mais o docente não desanima, pois, saber que será difícil no começo.

E com os resultados desta observação são planejadas as adaptações direcionadas ao apoio pedagógico favorecendo as aquisições através de intervenções planejadas e organizadas em prol de um objetivo primordial que deve ser a organização dos elementos pessoais e materiais que possibilitarão novas aprendizagens.

CAPÍTULO II: PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia científica, nos leva a compreender o estudo dos métodos empregados em cada área científica, agregando um conjunto de processos, técnicas e abordagens. Partindo deste conceito é possível reconhecer a necessidade do rigor dos por menores quando nos referimos ao ato de produzir ciência.

Methodos é uma palavra grega que significa caminhos para se chegar a um fim, ou seja, caminho composto de várias etapas a serem percorridas para se atingir um determinado objetivo. Segundo Lakatos e Marconi (2003) define método como:

O conjunto de procedimentos sistemáticos e racionais que permitem alcançar os objetivos da pesquisa, levando em consideração aspectos de segurança, economia e validez-conhecimentos válidos e verdadeiros-, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Esse método, seria o responsável por traçar o caminho a ser seguido pelo cientista, ajudando-se nas decisões e na detecção de erros. Convém distinguir, que a metodologia é o estudo dos métodos. Isto é, o estudo dos caminhos para se chegar a um determinado fim. Além de ser uma disciplina que estuda os métodos, a metodologia é também considerada uma forma de conduzir a pesquisa ou um conjunto de regras para ensino de ciência e arte.

Dessa forma, este estudo teve como objetivo de investigar as estratégias didáticas utilizadas pelos docentes, no ensino de crianças da Educação Infantil do II Período, com síndrome de Down numa Escola de Ensino Especial na cidade de Parintins/AM.

Para o alcance do propósito deste estudo, esta pesquisa adota os procedimentos de abordagem qualitativa, por tratar-se de uma metodologia de caráter exploratório, o seu foco está no caráter subjetivo do objeto analisado. Fundamenta-se na pesquisa bibliográfica, por ser uma pesquisa que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. (LAKATOS E MARCONI, 2003)

Tem por natureza a pesquisa exploratória, cujo objetivo é proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Utiliza-se também a pesquisa descritiva, por apresentar como objetivo primordial, a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. (GOODE e HATT, 1981)

Utilizou-se como método de abordagem, o método fenomenológico, que compreende as experiências vividas, as experiências subjetivas das pessoas e os significados que elas atribuem as suas vidas e/ ou fatos.

o método fenomenológico propõe perceber o sentido de comportamento com um olhar de unidade e totalidade, ultrapassando o pensamento objetivo. É um revelar-se de outro na sua totalidade e não em seus fragmentos, compreender seu pensamento é penetrar no seu mundo (SCARPARO, 2008, p. 109).

A coleta de dados se deu de forma virtual, via WhatsApp, pois em decorrência da pandemia, não foi possível a realização da pesquisa de campo. Para tanto foi utilizado uma entrevista em forma de questionário, com uma professora do II Período da Educação Infantil.

Este tipo de entrevista consiste numa estrutura pré-estabelecida para a exploração dos fatos em estudo, por meio de um protocolo com as perguntas predeterminadas. Assim, o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por escrito e sem a presença do entrevistador. Deve ser enviada uma nota ou carta explicando a natureza da pesquisa, sua importância e o porquê da necessidade de obter respostas (MARCONI; LAKATOS, 1996).

Lócus da pesquisa ocorreu com uma professora (nome fictício Argelina) da Associação Pestalozzi de Parintins, Escola Glauber Viana Gonçalves, Escola de Atendimento Educacional Especializado, localizada no Centro da cidade de Parintins/AM.

CAPÍTULO III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados aqui apresentados foram analisados, tendo como princípio norteado a revisão da literatura, e o relato de experiência de uma professora, que por meio remoto, entrevista virtual, respondeu alguns questionamentos sobre a temática. Como é de conhecimento de todos, não tivemos a possibilidade de ir a campo, por conta da pandemia da Covid-19, que assola o país e o mundo, impossibilitando assim, ida campo de forma presencial.

Dessa forma, a metodologia foi redimensionada e optou-se por uma pesquisa de revisão da literatura e descritiva. Passaremos agora a descrever, os resultados obtidos através das leituras e relato de experiências de uma professora. Dessa forma, para melhor estrutura e entendimento da análise abordaremos o assunto por tópicos.

A professora que serviu como sujeito para este estudo, possui graduação em Pedagogia, com especialização em Educação Especial. Atua há 10 anos na Educação Especial em Educação Infantil.

Durante a entrevista apresentei um pouco do meu TCC para professora, relatando o motivo de realizar a pesquisa sobre as estratégias didáticas na educação infantil para crianças com síndrome de Down. A professora relatou o processo de aprendizagem, da estimulação essencial, a forma que trabalha com as crianças da educação infantil na escola especial e respondeu as questões que foram enviadas via Whatsapp, por meio da entrevista.

3.1 As Estratégias Didáticas na Educação Infantil para Crianças com Síndrome de Down em Estudos da Educação.

É possível reforçar o caráter imprescindível do lúdico na educação de alunos com síndrome de Down. Os recursos lúdicos exploram a maior parte dos sentidos sensoriais ao mesmo tempo, facilitando a interpretação do cérebro no processo cognitivo. Além de sentir prazer e ter diversão, o aluno desenvolve habilidades motoras e intelectuais (SANTOS; JESUS, 2010).

Para favorecer o desenvolvimento da criança, é necessário acreditar no seu potencial, abstendo-se de qualquer estigma e preconceito sobre a sua capacidade. Os envolvidos no processo de aprendizagem das crianças com síndrome de Down têm a responsabilidade de elaborar estratégias no currículo escolar, práticas

pedagógicas, interação, comunicação e socialização que facilitem a plena inclusão no processo educacional da criança (LAMÔNICA; FERREIRA-VASQUE, 2015).

Dessa forma, a criança com síndrome de Down na escola precisa de estratégias diferenciadas no processo de aprendizagem. É muito importante que seja realizado um planejamento pedagógico que considere as características de cada criança.

Ainda que o planejamento precise ser individualizado, algumas estratégias podem ser norteadoras para a inclusão das crianças com síndrome de Down na escola. Na abordagem da professora, quando perguntado sobre a sua concepção de estratégia didática, ela respondeu:

Quadro 1- Concepção sobre estratégias didáticas

1- Qual a sua concepção sobre estratégias didáticas?
<i>É um conjunto de ações planejadas conduzidas pelo professor a fim de promover o envolvimento do aluno nas atividades propostas.</i>

Fonte: Cunha, 2021.

Segundo Vygotsky (1998) a estratégia didática é uma mediação no processo de planejamentos e execução de situações desafiadoras e problematizadoras, associado ao fornecimento de ajuda e apoio às pessoas com barreiras ou deficiência no processo de aprendizagem e desenvolvimento, de modo que essas pessoas possam ao se apropriar desta ajuda, resolver com ajuda externa.

Para Sanmarti (2002) ressalta aspectos importantes do planejamento didático-pedagógico, pois se trata de um instrumento que permite ao professor selecionar atividades de ensino e aprendizagem que melhor se adequam aos objetivos de aprendizagem pretendidos.

Uma boa aula é aquela que é muito bem planejada, que tem objetivos claros e precisos, uma avaliação que revela a aprendizagem pretendida naquele exato momento. A estimulação essencial é um atendimento baseado na estimulação e na intervenção, por meio de atividades, jogos e brincadeiras, com o objetivo de favorecer o desenvolvimento integral da criança com síndrome de Down.

O Ministro da Educação- (MEC) relata que a Estimulação Essencial é um conjunto dinâmico de atividades e de recursos humanos e ambientais incentivadores que são destinados a propiciar à criança, nos seus primeiros anos de vida,

experiências significativas para alcançar pleno desenvolvimento no seu processo evolutivo (MEC, 1995).

A melhor forma para estimulação das crianças com Síndrome de Down é através das atividades diferenciadas, na qual se trabalha a dança, música e teatro, umas das mais importantes ações para estimulação da criança é a brincadeira, onde ela entra num novo mundo e auxilia no seu desenvolvimento integral.

O brincar proporciona que as crianças conheçam regras, tome iniciativas e tenham um melhor convívio com outras pessoas, além de tudo, que explorem novas linguagens. Além disso, ele estimula a atenção, memória, organização, limites, curiosidade, autonomia e o desenvolvimento da linguagem, o pensamento e a concentração.

Dessa forma, a percepção da professora em relação às estratégias utilizadas nas suas aulas, para alunos com síndrome de Down. Uma das estratégias utilizadas pela professora é o planejamento das aulas, afim de promover o envolvimento dos alunos nas atividades. Nas suas aulas, utilizar os seus conhecimentos numa linguagem simples e clara. Assim, quando questionado, que estratégias são utilizadas pelo docente da educação especial, a sua resposta foi:

Quadro 2 - Estratégias utilizadas pelo docente da educação especial

2-Quais estratégias você utiliza em suas aulas, para alunos com síndrome de Down?

Primeiramente observo o aluno para conhecer seus conhecimentos prévios (nível de conhecimento) em seguida elaboro atividades usando sempre uma linguagem simples e clara.

Fonte: Cunha, 2021.

Para Mantoan (2001, p. 86) destaca que a pessoa com deficiência intelectual “é capaz de construir sua inteligência, na medida em que a solicitação do meio escolar desencadeia o processo de (...) desenvolvimento cognitivo”. A autora também conclui que numa proposta educativa que favorece a construção do conhecimento, a pessoa com deficiência intelectual “apresenta avanços cognitivos manifestados pelo acesso a períodos de desenvolvimento cognitivo progressivamente mais evoluídos e por condutas adaptativas cada vez mais complexas e objetivas, frente aos desafios do meio” (op. cit.).

A professora Argelina (nome fictício dado a professora) relata que as estratégias que ela utiliza é a observação dos alunos para conhecer os seus conhecimentos prévios e em seguida elabora atividades usando sempre uma linguagem simples e clara. Crianças com síndrome de Down geralmente levam mais tempo para aprender a consolidar novas habilidades. A capacidade de aprender e reter pode variar de dia para dia.

Sendo que no processo de aprendizagem a criança com síndrome de Down deve ser reconhecida como ela é, e não como gostaríamos que ela fosse. As diferenças devem ser vistas como ponto de partida e não de chegada à educação, para desenvolver estratégias e processos cognitivos adequados para o sucesso da aprendizagem.

3.2 As Dificuldades dos Docentes na Educação Infantil para Trabalhar com Crianças com Síndrome de Down.

Geralmente as crianças com síndrome de Down têm uma outra deficiência associada a deficiência intelectual, o que leva a dificuldades na aprendizagem. Observando que as dificuldades podem estar relacionadas à linguagem, raciocínio lógico, memória e refletir na socialização e na autonomia.

Dessa forma, a criança com síndrome de Down na escola precisa de estratégias diferenciadas no processo de aprendizagem. É muito importante que seja realizado um planejamento pedagógico que considere as características de cada crianças. A professora Argelina vem relatar quais as dificuldades das crianças com síndrome de Down apresentam para aprender na escola de educação especial.

Quadro 3 - Dificuldades das crianças com síndrome de Down

3-Que dificuldades as crianças com síndrome de Down, apresentam para aprender?

Cada aluno é único na sua forma de aprender e na educação especial não é diferente, lembrando que o aluno com síndrome de Down em sua maioria apresenta dificuldades na aprendizagem dos conteúdos pedagógicos, quando o comprometimento é maior em aprender os conteúdos estudados, não forçamos e sim oportunizamos outras estratégias através de oficinas protegidas como: Pintura em tecido, pintura em tela como também atividades da vida diária.

Fonte: Cunha, 2021.

Segundo Vygotsky (2007), não podemos nos ater apenas na questão da deficiência, devemos nos focar na criança como um todo, partindo do pressuposto de que ela apresenta somente um modo diferenciado de se desenvolver.

E para essa questão ser desenvolvida as atividades lúdicas são uma das estratégias metodológicas bem recomendadas, pois elas proporcionam a aprendizagem através de materiais concretos e de atividades práticas, onde a criança cria, reflete, analisa e interage com seus colegas e com também o professor. Por meio dos jogos, os alunos desenvolvem o pensamento cognitivo, afetivo, social, linguístico, físico e motor, através das interações com o grupo.

A professora Argelina relata que para ela cada aluno é único na sua forma de aprender e na educação especial não é diferente, lembrando que os alunos com síndrome de Down em sua maioria apresentam dificuldades na aprendizagem nos conteúdos pedagógicos.

Destaca também que quando o comprometimento é maior em aprender os conteúdos estudados, ela não força e sim oportuniza outras estratégias para o aluno com síndrome de Down através de oficinas protegidas como: pintura em tecido, pintura em tela como também atividades da vida diária.

E para essa questão ser desenvolvida as atividades lúdicas são uma das estratégias metodológicas bem recomendadas, pois elas proporcionam a aprendizagem através de materiais concretos e de atividades práticas, onde a criança cria, reflete, analisa e interage com os seus colegas e com também o professor. Por meio dos jogos, os alunos desenvolvem o pensamento cognitivo, afetivo, social, linguístico, físico e motor, através das interações com o grupo.

3.3 As Estratégias Didáticas utilizadas pelos Docentes no Ensino da Criança com Síndrome de Down

A metodologia de ensino que o docente aplica nas atividades, com crianças com Síndrome de Down, na Educação Infantil é o uso do lúdico, pois se trata de uma mudança de atitude do educador, construindo sempre novas maneiras de fazer em sala de aula. Daí a necessidade de que os professores estejam envolvidos com o processo de formação dos seus educandos. Isso não é tão fácil, pois implica romper com um modelo já instituído pela escola.

Tecendo a metodologia da professora Argelina que está envolvida no processo de formação das crianças com síndrome de Down, a pergunta a seguir vem mostrar, as estratégias da professora no aprendizado das crianças.

Quadro 4 - Possibilidade de aprendizagem das crianças com síndrome de Down

4 - Na sua opinião, as estratégias que você utiliza com as crianças, possibilita aprendizagem para elas? Sim ou Não? Por quê?

Cada aluno com síndrome de Down aprende de acordo com seu ritmo, é uma aprendizagem lenta que requer paciência para obter os objetivos propostos.

Fonte: Cunha, 2021.

Para Mantoan (1988), a verdadeira transformação da escola dá-se, de tal modo que o aluno tenha a oportunidade de aprender, mas na condição de que sejam respeitados as suas peculiaridades, necessidades e interesses, a sua autonomia intelectual, o seu ritmo e as suas condições de assimilação aos conteúdos curriculares.

Na opinião da professora Argelina o aluno com síndrome de Down aprende de acordo com seu ritmo, ressaltando que a aprendizagem é lenta e requer paciência para obter os objetivos propostos. A síndrome de Down tem somente um ritmo de aprendizagem mais lento, cujas etapas precisam ser respeitadas. Inteligência, memória e capacidade de aprender podem ser desenvolvidas com estímulos adequados.

Segundo Piaget (1996), todos os indivíduos nascem com capacidade e potencial para aprender, devendo ocorrer estímulos advindos do meio em que vivem. Este estímulo, ainda de acordo com Piaget (1996), é encarado como uma estrutura que será assimilada pelo indivíduo através da capacidade de aprender.

Dessa forma, vemos a importância de se estruturar os Sistemas de Ensino para atender de forma adequada a criança com síndrome de Down, oportunizando a ela desenvolver novas competências e habilidades.

As pessoas com deficiência intelectual têm o seu ritmo, cada um com a sua peculiaridade na maneira de compreender, pensar, falar, ouvir e viver, assim, como as pessoas que não estão dentro dessa categoria, mas, fazem o mesmo percurso no caminho da aprendizagem escolar.

A aprendizagem, através da brincadeira torna-se função motivadora, ajudando, assim, a criança com síndrome de Down a devolver confiança em si e as suas

capacidades, começando a ter maior percepção a respeito do outro. Por esse motivo, tanto o lúdico, como o ambiente no qual a criança está inserida, são importantes para o seu desenvolvimento.

Quanto mais o profissional vivenciar ludicidade, maior será o seu prazer em trabalhar com a criança desta forma, tal aceitação permite ao educador saber das suas possibilidades e limitações, desbloquear resistências e ter uma visão clara sobre a importância do jogo e do brinquedo para a vida da criança com Síndrome de Down, pois se o professor não ensina com prazer a criança não aprenderá com prazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A síndrome de Down é uma condição genética causada por um problema nos cromossomos. As estratégias para trabalhar com as crianças com síndrome de Down necessitam de demonstrações visuais, imagens e ilustrações. Por isso, todas elas podem ser usadas com sucesso para auxiliar no ensino tornando-o eficaz.

Esta pesquisa é fruto de interesse pessoal de aprofundar as estratégias didáticas para o ensino de crianças com síndrome de Down em uma escola de educação especial, onde muitas dessas crianças apresentam dificuldades na memorização, raciocínio lógico, linguagem, motricidade, socialização e autonomia. Por isso, necessitam de atenção e apoio diferenciado no processo de aprendizagem.

Diante disso, as ações com jogos, devem ser criadas e recriadas, para que oriente à imaginação e estimule o desejo de jogar. Quando a criança brinca sem ter toda a informação sobre si mesma, ela automaticamente fornece várias informações a seu respeito ao educador para o seu acompanhamento. Portanto, o brincar é fundamental para estimular o seu desenvolvimento integral, tanto no ambiente familiar, quanto no ambiente escolar, além de contribuir para a interação de si com o meio social.

A atividade lúdica deve fomentar a sua capacidade de relacionar uma informação nova com o seu próprio esquema de conhecimento. A respeito do jogo como estratégia de ensino, o mesmo possibilita estimular na criança, potencialidades cognitivas e linguísticas, além de afetivas, motoras e sociais.

Sabemos que as demonstrações e atividades táteis, também são muito atrativas para alunos com síndrome de Down, dessa forma podem contribuir com o trabalho do professor, pois podem tornar o ensino muito mais dinâmico e atrativo para essas crianças, despertando um interesse maior e, conseqüentemente, tornando o ensino e o processo de aprendizagem mais fácil.

Os resultados aqui apresentados foram analisados, tendo como princípio norteador a revisão da literatura, e o relato de experiência de uma professora, que por meio remoto, entrevista virtual, respondeu alguns questionamentos sobre a temática. Como é de conhecimento de todos, não tivemos a possibilidade de ir a campo, por conta da pandemia da Covid-19, que assola o país e o mundo, impossibilitando assim, ida campo de forma presencial.

Desta forma, o estudo buscou responder as seguintes questões: a) o que o professor entende por estratégias didáticas? b) quais os desafios enfrentados pelo professor na utilização das estratégias didáticas para crianças da Educação Infantil com Síndrome de Down? c) as estratégias didáticas utilizadas pelo professor, proporcionam êxito na aprendizagem das crianças com síndrome de Down?

Em relação às estratégias didáticas utilizadas pelos docentes, no ensino de crianças da Educação Infantil do II Período, com síndrome de Down numa Escola de Ensino Especial na cidade de Parintins/AM, conforme apontam os resultados deste estudo, a professora relata que para ela cada aluno é único na sua forma de aprender e na educação especial não é diferente, lembrando que os alunos com síndrome de Down em sua maioria apresentam dificuldades na aprendizagem nos conteúdos pedagógicos.

Destaca também que quando o comprometimento é maior em aprender os conteúdos estudados, ela não força e sim oportuniza outras estratégias para o aluno com síndrome de Down através de oficinas protegidas como: pintura em tecido, pintura em tela como também atividades da vida diária.

Portanto, as medidas desse nível são realizadas pelo professor e destinam-se, principalmente, à programação das atividades da sala de aula. Focalizam a organização e os procedimentos das estratégias didáticas na Educação Especial Infantil e destacam o como fazer, a organização temporal dos componentes e dos conteúdos curriculares e a coordenação das atividades docentes, de modo que favoreça a efetiva participação e integração do aluno, bem como a sua aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Mariane Andreuzzi de. Práticas pedagógicas na Educação Infantil frente à acessibilidade curricular de crianças com Síndrome de Down. **Dissertação**. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista. Marília, 2019.
- BASTO, Ana P. Beltrão 2002. **Processo de inclusão dos portadores de Síndrome de Down**. Disponível em: <http://www.pedabrasil.com.br/educacaoespecial/processodeinclusao.html>. Acesso em: 15/06/2020.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, volume: 1 e 2. 1998.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9694/96)**. LDB Um trabalho elaborado pelo fórum paranaense em defesa da Escola Pública, Gratuita e Universal. APP-SINDICATO, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais– DEFICIÊNCIA FÍSICA. Brasília – DF:2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 4.024, de 20 de dezembro de 1961.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: Secretaria de Educação Especial, - 2010. 73 p
- BRASIL. Ministério Público Federal. O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns da rede regular de ensino. 2ª ed. Brasília: Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2004.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 4.024, de 20 de dezembro de 1996.
- CASTRO, Antonilma Santos Almeida. PIMENTEL, Susana Couto. Atendimento educacional específico. Síndrome de Down: desafios e perspectivas na inclusão escolar. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285-28.pdf>>
- CAVALHEIRO, E.S. e SAPELLI, K.S. **Estimulação essencial no trabalho junto a crianças com síndrome de down** In: Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional, 4, 2011, Maringá. X Conpe: título. Maringá: , 2011. p. 1-19.
- COSENZA, RAMON M., GUERRA, LEONOR B. Neurociência e Educação: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DUARTE, Juli Rodrigues; MOTA, Edimilson Antônio. O lúdico no processo de Aprendizagem na Educação Infantil. Revista Educação Pública, v. 21, n 15, 27 de abril de 2021.

FERRARINI, Ana Cristina. A criança com síndrome de Down na educação infantil: Uma pesquisa bibliográfica. 2016. **TCC** (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, 2016.

FREIRE, Paulo. Algumas reflexões em torno da utopia. In: FREIRE, Ana Maria de Araújo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOODE, Willian J.; HATT, Paul K. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Nacional, 1981.

HORN, Cláudia Inês. **Brincar e jogar: Atividades com materiais de baixo custo**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, Brincadeira e a Educação**, 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KOZIMA, Chahira. **O que é síndrome de down? Crianças com síndrome de down: guias para pais e educadores**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KULISZ, Beatriz. **Professores em cena: O que faz a diferença?** Beatriz Kulisz. Porto Alegre. Mediação: 2 ed, 2006.

LAMÔNICA, D. A. C.; FERREIRA-VASQUES, A. T. Habilidade comunicativas e lexicais de crianças com Síndrome de Down: reflexões para inclusão escolar. **Revista Cefac**, v. 17, n. 5, p. 1475-82, 2015.

MANTOAN, M. T. **Compreendendo a deficiência mental: novos caminhos educacionais**. São Paulo: Scipione, 1989.

MANTOAN, M.T. E. **Compreendendo a deficiência mental: novos caminhos educacionais**. São Paulo: Scipione, 1988.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. Caminhos pedagógicos da educação inclusiva. In: GAIO, Roberta; MENEGHETTI, Rosa Gitana Krob. **Caminhos pedagógicos da Educação Especial**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 79-94.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Compreendendo a deficiência mental: novos caminhos educacionais**. São Paulo: Scipione, 2001.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

MARCONI, Maria de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARTIN, W. B., GASKELL G. (editores). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MENEGUETTI, Rosa G. K. **Caminhos Pedagógicos da Educação Especial**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2015.

ORTIZ, Cisele. **O papel do professor de crianças pequenas**. In: Revista Pátio Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, ano V, n. 13, mar/jun, 2007. p. 11-13.

PIAGET, J. **Biologia e Conhecimento**. 2* Ed. Vozes: Petrópolis, 1996.

SANMART, N. **Didáctica de las ciencias em la educación secundaria obligatoria**. Madrid: Síntesis, 2002.

SANTIAGO, Fabiana et al. Síndrome de Down. Mogi das Cruzes, 1997. Disponível: <http://www.brazcubas.br/professores/sdamy/mubc02.html>. Acesso em: 23/03/2021.

SANTOS, É. A. C.; JESUS, B. C. **O lúdico no processo ensino- aprendizagem**. In: IV Fórum de educação e diversidade- diferentes, (des.) iguais e desconectados, 2010, Tangará da Serra, 2010.

SANTOS, Santa Marli Pires. **Brinquedo e Infância: Um guia para pais e educadores em creche**. Petrópolis, 6 ed., 115p. 2004.

SCARPARO, H. **Psicologia e Pesquisa: Perspectiva metodológicas**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SCHWARTZAN, J. S. **Síndrome de Down**. Mackenzie: Memon, 1999.

SILVA, Ilza Andrade. BARRETO, Maria Fernanda Fonseca. **Análise das modalidades de desenvolvimento cognitivo nas crianças com Síndrome de Down**. Caderno Intersaberes, v. 1. n.1, jul./dez., 2012.

SILVA, Roberta Nascimento Antunes. A educação especial da criança com Síndrome de Down. In.: BELLO, José Luiz de Paiva. **Pedagogia em Foco**. Rio de Janeiro, 2002.

SOUZA, Rita de Cácia Santos. **Aprendizagem e Deficiência Intelectual em foco- Discussões e pesquisas**. Aracaju: Criação, 2018.

UNESCO. DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca – Espanha, 1994.

VIGNON, Luana. **Guia do educador: teorias pedagógicas: educação infantil.** 1. ed.- São Paulo: Eureka, 2015.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICE

Caro(a) professor(a)

Estou concluindo meu Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, investigando o tema: Estratégias Didáticas para o Ensino de crianças com Síndrome de Down. Para tanto, necessito de sua participação, colaborando com as respostas para algumas questões, que irão contribuir muito para a finalização do meu trabalho.

- 1- Qual sua formação acadêmica?
- 2- O tempo de atuação no Magistério e na área da Educação Especial?
- 3- Qual a sua concepção sobre Estratégias Didática?
- 4- Quais estratégias você utiliza em suas aulas, para alunos com síndrome de Down?
- 5- Que dificuldades as crianças com síndrome de Down, apresentam para aprender?
- 6- Na sua opinião, as estratégias que você utiliza com as crianças, possibilita aprendizagem para elas? Sim ou Não? Por que?

Acadêmica: Daniela Gonçalves Freitas.

Orientadora: Georgina Terezinha Brito de Vasconcelos.

ANEXOS

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro(a) Professor(a) Rita Cunha Teixeira,

Convidamo-lo(a) a participar da pesquisa de TCC Estratégias didáticas para o Ensino de Crianças com Síndrome de Down em uma Escola de Educação Especial no Município de Parintins/Am sob a responsabilidade do pesquisador (a) **Daniela Gonçalves Freitas** com endereço profissional no Centro de Estudos Superiores de Parintins, sito a Estrada Odovaldo Novo, s/nº - Djard Vieira, CEP 69152-470 - Parintins/AM, telefone: (92) 3533-6630, email daniela.gfreitas@gmail.com e de sua orientadora professora Dr. Georgina Terezinha Brito de Vasconcelos com endereço profissional no Centro de Estudos Superiores de Parintins, sito a Estrada Odovaldo Novo, s/nº - Djard Vieira, CEP 69152-470 - Parintins/AM, telefone: (92) 3533-6630, email: gvasconcelos@uea.edu.br.

Com essa pesquisa, pretendemos investigar as estratégias didáticas utilizadas pelos docentes, no ensino de crianças da Educação Infantil do II Período, com síndrome de Down em uma Escola de Ensino Especial na cidade de Parintins/AM. Para atingir o nosso objetivo, aplicaremos questionário com o(a) senhor(a). Pedimos seu consentimento para que os instrumentos de pesquisa via Whatzapp sejam gravados em áudio e um questionário. Informamos que o conteúdo das gravações será transcrito e este constituirá objeto de análise desse estudo, podendo ser citado no TCC, de acordo com suas necessidades científicas.

Os riscos decorrentes da sua participação na pesquisa poderão ser constrangimento, desconforto, mal-estar e incômodo, os quais poderão ocorrer durante a aplicação do questionário e da sua participação na pesquisa. Você deverá se sentir à vontade para nos chamar a qualquer momento para falarmos sobre suas preocupações e dúvidas, para o que a pesquisadora se compromete a minimizar tais

riscos e, se for o caso, garantir atendimento psicológico, sem nenhum ônus para você. Se você aceitar participar estará contribuindo para novas reflexões e novos questionamentos acerca da temática investigada.

O(a) senhor(a) pode se recusar a participar do estudo, ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar se justificar e, pelo fato de desejar sair da pesquisa, não terá qualquer prejuízo. O(a) senhora(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração porque o custeio da pesquisa será de total responsabilidade da pesquisadora. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo mantida em sigilo.

Consentimento Pós-Informação

Eu, *Rita Cunha Teixeira*, tendo sido informado(a) quanto ao teor de tudo aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo da referida pesquisa, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. Este documento será emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo (a) pesquisador (a), ficando uma via com cada um de nós.

Parintins, 11 de maio de 2021

Rita Cunha Teixeira

Assinatura do participante

Daniela Gonçalves Freitas.

Pesquisadora